



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

9 DE OUTUBRO
PALÁCIO DO PLANALTO
BRASÍLIA — DF

DISCURSO. EM CADEIA DE RÁDIO E
TELEVISÃO, SOBRE A ATUAÇÃO GO-
VERNAMENTAL NA ÁREA DO MINIS-
TÉRIO DAS MINAS E ENERGIA.

Brasileiros:

O processo político democrático implica um intenso debate.

A predominância de posições emocionais conduz a uma visão parcial da realidade e muitas vezes impede que a opinião pública seja informada com equilíbrio.

Nessas circunstâncias, considero de meu dever apresentar à Nação uma visão de conjunto da obra do meu governo.

Na democracia, a sociedade exige dos que pretendem governá-la o conhecimento dos seus problemas e a formulação de planos de ação adequada para resolvê-los.

O Brasil já ultrapassou a era das promessas de ocasião. Não podemos aceitar o oportunismo simplista de frases de efeito para mobilizar a opinião pública. A sociedade brasileira precisa e exige programas e planos de trabalho daqueles que se dispõem a dirigi-la.

Consciente desse dever, ainda como candidato, percorri o País apresentando às nossas lideranças e ao nosso povo quais eram meus planos e meus objetivos no campo político, no campo econômico, no campo social. Quando assumi o Governo, fixei diretrizes de ação que foram amplamente divulgadas.

No plano político, meu grande objetivo foi realizar a abertura. Garantir as liberdades e direitos individuais. Fazer deste País uma democracia.

No plano social, ampliar o acesso de todas as camadas da população aos benefícios materiais do desenvolvimento: emprego, habitação, educação, alimentação, saúde, assistência médica.

No plano da economia, fortalecer a base interna, especialmente em setores ainda muito vulneráveis e dependentes do Exterior. Procurar, dessa forma, melhorar nossas condições para enfrentar a crise econômica mundial, assegurando meios para garantir os objetivos almejados no plano social.

No regime democrático, o povo deve saber o que faz e o que fez o Governo.

Fiel a esse postulado democrático, cumpre-me apresentar à Nação o que realizou o Governo Federal neste período em que me coube a honrosa missão de dirigir o País, com o auxílio de meu Partido, o PDS, e dos meus Ministros.

Passados quase seis anos, considero necessário lembrar ao maior número possível de meus concidadãos o caminho percorrido. Os sucessos alcançados e as dificuldades enfrentadas. Os planos e programas realizados, e seus benefícios para cada um de nós, para a nossa comunidade.

Virei à televisão e ao rádio e espero contar também com o apoio dos jornais e revistas, para que a sociedade brasileira possa avaliar o que fizemos neste período. Quero mostrar a todos o que foi feito, não só com palavras, mas também com imagens que atestam a realidade das obras e os seus benefícios para a Nação. Porque o que foi feito se deve ao esforço de todos os brasileiros e pertence a todos.

Quando assumi o Governo, o Mundo sofria os efeitos do primeiro choque do petróleo. Nos trinta anos anteriores, o Brasil, como todos os países, viveu a euforia do desenvolvimento acelerado, possibilitado pela energia dos preços baixos do petróleo.

Mas isso acabou. Nos anos setenta, o petróleo passou de dois para doze dólares o barril. Foi o primeiro choque do petróleo. Logo no início do meu governo, veio o segundo choque, elevando o preço para trinta dólares por barril.

Isso afetou o desenvolvimento econômico e a situação financeira do mundo todo. Para o Brasil, o choque do petróleo foi grave. No começo de minha gestão, há cinco anos atrás, o Brasil consumia mais de um milhão de barris de petróleo por dia, e só produzia cerca de 160 mil barris. O Brasil dependia do petróleo importado para mais de oitenta por cento de nossas necessidades. Com o aumento do preço, era impossível continuar a importar petróleo nas mesmas quantidades. E, sem petróleo ou seja, sem essa fonte de energia, a economia brasileira corria o risco de parar de vez.

Por isso, determinei prioridade absoluta para o programa de aproveitamento energético. Era preciso aumentar a produção nacional de petróleo, terminar as obras hidrelétricas e tornar realidade o uso de fontes al-

ternativas para substituir o petróleo, como o álcool. E é também por isso que quero falar, em primeiro lugar, sobre o petróleo.

Vale assinalar que, em 1979, nossa receita global de exportação foi de 15 bilhões de dólares. Deste total, o País gastou 6 bilhões e setecentos milhões de dólares com a importação de combustível.

Em 1981, a exportação global cresceu para 23 bilhões e 300 milhões, e as importações de combustível subiram para 11 bilhões e 300 milhões de dólares. Gastamos, naquele ano, portanto, quase metade de nossa receita de exportação para comprar petróleo.

Já em 83, conseguimos reduzir os gastos com a importação de petróleo para 6 bilhões e 800 milhões.

É isso que quero expor a toda a Nação. O que fizemos. E como fizemos para enfrentar o problema da energia.

A vida de cada um de nós, o nosso dia-a-dia, tudo o que queremos e o que podemos fazer depende dos recursos energéticos que temos ao nosso alcance. A energia está presente em tudo: a lâmpada que se acende; no veículo que nos leva ao trabalho ou ao passeio; nas fazendas, nas fábricas que nos dão trabalho, nas escolas, nos hospitais.

A falta de energia paralisa um país, impede o progresso, mantém a miséria. Em qualquer país, as regiões com energia abundante são ricas. As regiões sem energia não conseguem vencer a pobreza.

O Brasil possuía jazidas de petróleo e potencial hidrelétrico. A maior parte do nosso petróleo explorável está na plataforma submarina, a grandes profundidades. Sem organização, sem tecnologia, sem infra-estrutura e

sem investimentos para utilizar esses recursos, continuávamos um país pobre e dependente da importação de energia, sob a forma de petróleo.

Nos últimos vinte anos, fizemos um esforço nacional gigantesco e conseguimos superar essa condição. A PETROBRÁS, a ELETROBRÁS e o PROÁLCOOL foram os principais instrumentos acionados pelo Governo Federal para essa tarefa. Sem resolver o problema do petróleo, não adiantava sequer pensar em aumentar empregos ou a produção de alimentos.

A PETROBRÁS multiplicou seus esforços de pesquisa e extração. Instalou diversas plataformas submarinas de grande sucesso produtivo. Criou e desenvolveu um sistema próprio de antecipação da produção dos novos poços, de forma que pudemos usar, muito mais cedo do que normalmente é possível, o petróleo dos novos poços encontrados na plataforma continental.

De 79 para 84, a PETROBRÁS conseguiu elevar a produção nacional de petróleo de cento e quarenta mil barris por dia para o nível de mais de quinhentos mil barris por dia. Hoje, já produzimos mais petróleo do que importamos.

Esse esforço continua e estamos descobrindo e explorando jazidas em ritmo crescente. Com esses resultados, a PETROBRÁS já é hoje a sexta maior empresa de petróleo do Mundo. E garante o suprimento de combustível para todos os municípios do Brasil em mais de vinte mil postos espalhados por todo o território brasileiro.

Com o mesmo objetivo de garantir energia para a manutenção das atividades econômicas e diminuir a nossa dependência do petróleo importado, foi desenvolvido o programa nacional do álcool. Em pouco mais de cinco anos, o PROÁLCOOL já elevou a produção nacional

de álcool para mais de nove bilhões de litros por ano. Isso equivale a mais de cento e trinta e oito mil barris de petróleo por dia. Quer dizer, hoje em dia nós já produzimos uma quantidade de álcool igual à quantidade total de petróleo que o Brasil produzia em 1979.

Para usar o álcool como combustível criamos uma tecnologia nacional aplicada na produção de novos motores de automóveis, caminhões e tratores.

O PROÁLCOOL permitiu importar menos petróleo e criou milhares de novos empregos, sobretudo na área rural. Juntos, o petróleo nacional e o álcool mantiveram funcionando nossas indústrias automobilísticas, de tratores, de motores e de autopeças, garantindo o emprego para centenas de milhares de trabalhadores metalúrgicos.

Em muitos países, a energia elétrica indispensável para as casas e indústrias, para as escolas e hospitais, para os comércios e as fazendas é produzida com petróleo. Nós temos a felicidade de dispor de rios com imenso potencial energético. Determinei a continuação das obras e investimentos hidrelétricos.

Itumbiara, Salto Santiago, Sobradinho, Paulo Afonso e Nova Avanhadava, todas usinas hidrelétricas produtoras de energia para os brasileiros de todas as regiões.

Agora, em outubro, juntamente com o Presidente do Paraguai, vou inaugurar a segunda etapa da usina de Itaipu. São mais de 700 mil quilovátios de energia para a produção industrial e agrícola do Centro-Sul. Outras etapas vão se seguir, com a entrada em uso de novas turbinas até atingir o total previsto para 12 milhões de quilovátios.

Em novembro, vou inaugurar a hidrelétrica de Tucuruí, que vai gerar, nesta primeira fase, quatro milhões de quilovátios para o Nordeste e o Norte. Com a energia de Tucuruí, poderemos afinal criar um parque industrial na área, para aproveitar as imensas riquezas minerais da Serra de Carajás e oferecer oportunidades de emprego de melhor qualificação e de melhor remuneração para as populações do Nordeste e do Norte.

Se Tucuruí não ficasse pronta agora, possivelmente o Nordeste já enfrentaria problemas de falta de energia. Um país moderno não pode prescindir de qualquer fonte de energia e não pode deixar de dominar o uso pacífico da energia nuclear sob pena de comprometer o seu desenvolvimento tecnológico.

Portanto, mantive o programa de utilização da energia nuclear. Enfrentamos, no caso, como outros países, problemas sérios para levar avante esse programa. Trata-se de tecnologia ainda em fase recente de exploração, e seus custos são altos. Mas não podíamos e nem podemos deixar de denominá-la.

As dificuldades econômicas, junto com nosso potencial hidrelétrico, aconselharam a redução do ritmo do programa nuclear, sem comprometer os investimentos já feitos.

Ampliamos o setor de carvão mineral pela modernização das lavras. E também avançamos no processo do aproveitamento do xisto, uma rocha da qual se pode extrair petróleo.

Novas fontes de energia, novas alternativas. O aproveitamento de rejeitos e dejetos da biomassa, a racionalização do uso do carvão vegetal, a lenha, o bagaço de cana, os resíduos, tudo contribuindo para substituir os derivados de petróleo e assegurar a oferta interna de energia. Só com a substituição de óleo combustível

por energia elétrica, em caldeiras para a produção de calor, vamos deixar de importar 40 mil barris de petróleo por dia.

Graças a esse esforço diversificado, mas integrado, o Brasil não parou. As indústrias continuaram produzindo. O Brasil continuou exportando. Pudemos continuar trabalhando. Contivemos o aumento das importações e, em consequência, evitamos o crescimento da dívida externa além do essencialmente necessário para manter investimentos indispensáveis.

Neste mesmo período, realizamos uma fantástica multiplicação dos nossos recursos minerais. Expandimos, em grande escala, a produção de ouro, de alumínio, de cobre e de estanho.

É o ouro de Serra Pelada e dezenas de outros garimpos. Em quatro anos, a produção de ouro passou de quatro para mais de cinquenta toneladas por ano. Já somos o terceiro produtor mundial.

O alumínio, que antes importávamos, passamos a exportar. Novos projetos foram implantados, aproveitando a energia de Tucuruí: ALBRÁS, ALUNORTE, ALUMAR.

Chegamos também à posição de grande produtor e exportador de estanho.

Novas unidades de produção de cobre entraram em operação, e hoje estamos caminhando para a auto-suficiência da produção do cobre, metal que o Brasil sempre importou em grandes quantidades. Com os planos estabelecidos para o setor, em uma década as compras no Exterior estarão reduzidas ao mínimo.

E dispomos ainda de mais zinco, chumbo e titânio. Alcançamos a auto-suficiência em níquel e fosfatos.

A PETROBRÁS, através da FOSFÉRTIL, de Uberaba, e da PETROMISA, em Sergipe, está suprindo o País de fertilizantes fosfatados, essenciais para a expansão da produção de alimentos.

Este ano, pela primeira vez, a indústria petroquímica vai produzir um *superavit* comercial de 200 milhões de dólares. Em 1979, no setor petroquímico, o Brasil importava um bilhão e trezentos e sessenta milhões de dólares e exportava apenas duzentos milhões. Em 84, estamos exportando um bilhão de dólares e importando oitocentos milhões.

Ainda neste setor, deve ser assinalado que, a partir de 1979, o capital nacional passou a controlar setenta e um por cento da produção total do País. Antes só tínhamos controle sobre 38%.

Foi Tucuruí, essencialmente, que viabilizou o programa Grande Carajás, que constitui um capítulo especial na área de recursos minerais. Em plena Região Amazônica, confiado à Companhia Vale do Rio Doce, é o primeiro programa brasileiro de desenvolvimento integrado. Abrange atividades metalúrgicas, agropecuárias e florestais, apoiadas na instalação de uma infra-estrutura básica de ferrovias, porto marítimo e a hidrelétrica de Tucuruí. Ali surgirão novas oportunidades empresariais, milhares de novos empregos, produtos para o mercado interno e para a exportação, prosperidade para milhares de brasileiros do Norte e Nordeste. Nestes últimos cinco anos, mudamos o perfil brasileiro nos setores da energia e da mineração. Estabelecemos bases para que o País alcance, nos próximos anos, a meta da independência energética com autonomia tecnológica. Um país mais forte, livre de uma excessiva dependência externa de fontes de energia.

Coube ao Ministério das Minas e Energia, com as empresas que o integram, como a PETROBRÁS, a ELETROBRÁS, a Vale do Rio Doce e outras, coordenar o esforço para chegar a esses resultados.

Com o Governo estiveram integrados incontáveis empresários e trabalhadores que confiaram e confiam, que acreditaram e acreditam, não somente no Brasil, mas sobretudo em si mesmos, que não se deixam abater por dificuldades momentâneas, e sabem que os obstáculos só podem ser superados com trabalho e tenacidade. Eu gostaria que tivéssemos petróleo, gasolina, óleo e álcool baratos. Mas temos de enfrentar a realidade. Infelizmente, acabou a energia barata. Aqui e no mundo todo.

O petróleo é um produto caro e vai continuar caro. Mas em nenhum momento faltou combustível no Brasil. Em nenhum momento faltou energia elétrica.

Enfrentamos uma crise. Mas as indústrias continuam a funcionar. Os caminhões, ônibus e automóveis continuam a ser fabricados, a encontrar compradores e sobretudo a circular por nossas cidades e estradas.

E hoje, à vista de tudo, recapitulando o esforço desses quase seis anos de trabalho, eu peço a todos — eu peço a você, que me está ouvindo, que pense e reflita com isenção.

Teria sido possível seguir um caminho melhor?

Teria sido possível fazer mais?

Os resultados vieram confirmar que a opção que fizemos estava certa. Que tomamos a decisão correta.

A pior fase da crise de energia já passou. Conseguimos superá-la com a compreensão, com o esforço e o trabalho do Governo e de todos os brasileiros.

Muito Obrigado, e boa noite.